

O BRASÃO DE CAMPINAS: HISTORIADOR FALA AO CP

A propósito de críticas surgidas ao atual brasão de Campinas, reportagem do "CORREIO POPULAR" ouviu a opinião abalizada do historiador Celso Maria de Melo Pupo, diretor do Museu Histórico e Pedagógico "Campos Salles", integrante da Academia Campinense de Letras e autor de diversas obras sobre história, que assim se manifestou:

"Em fins do século passado, o Dr. Ricardo Gumblerton Daunt projetou e propôs à Câmara a adoção de um brasão de armas para Campinas.

Consultados técnicos da época, feito o respectivo desenho, a Câmara acolheu a proposta do Dr. Ricardo e adotou um brasão para Campinas.

É fundamental que símbolo adotado, composto nos ditames das leis e usos correntes em seu tempo, nunca deve ser alterado, a menos que contenha erros graves contra cânones e costumes, ou quando seja agressivo à sua visão artística.

O belo símbolo de Campinas adotado pela Câmara de 1899, tinha, como têm milhares de cidades brasileiras, atributos secundários ao sabor do artista que o desenhou, como se permite generalizadamente; mas o conteúdo do brasão respeitoso às leis universais da heráldica, a fenix ao gosto da arte heráldica dos países latinos. Ele foi aprovado pela comunidade que podia e devia decidir a respeito.

Em 1937, em pleno regime ditatorial, foi baixada uma resolução municipal, sem qualquer consulta a muitas autoridades no campo do conhecimento heráldico, adotando um novo brasão para Campinas, proposto em trabalho de dois estudiosos, com alterações externas e secundárias, mas com o crime de adotar nova fenix, e feniz germânica, inteiramente desconhecida na heráldica latina onde os mesmos autores foram se basear para as alterações secundárias.



Alega-se agora que havia para o novo brasão, um parecer de comissão de três vereadores; mas não se disse que estes vereadores, de Câmara extinta pelo golpe ditatorial, embora cultos, pois dois eram médicos e um advogado, nada sabiam da heráldica.

O erro grave dos proponentes do novo brasão para Campinas, foi o de germanizar a figura principal e verdadeiramente representativa do primeiro brasão, substituindo a fenix latina por feia fenix de gosto germânico, e de pouco uso na própria heráldica de sua origem.

Em dezembro de 1973, um dos autores deste erro e mau gosto, atacou a volta do brasão primitivo feita no mesmo ano e, para este ataque, alongou-se em dois rodapés da Imprensa, com considerações irrelevantes e, apenas, em favor de sua fenix, a afirmativa de que esta figura não existe na armaria portuguesa. Mas esta figura não existe na armaria portuguesa. Mas não se pode negar que existe na heráldica sem o gosto germânico

da nova fenix imposta.

Assim, o mal da intempestiva reforma ditatorial de 1937, com todos os delineamentos de ato ditatorial, pode ser resumido na errada adoção de mau gosto de fenix estranha à arte heráldica que estiliza brasões do Brasil, de Portugal e demais países latinos do universo.

O brasão atual de Campinas é, apenas, a restauração do tradicional brasão do Dr. Ricardo, em seu signo essencial, e uma uniformização dos atributos externos, tudo feito por um serviço criado no Palácio do Governo do Estado, para esta finalidade.

Os que desejam, como indivíduos, que seus trabalhos dominem outras opiniões, e teimam em querê-los impor ditatorialmente, melhor fariam aplaudindo um serviço oficial, apoiando por outras opiniões, em favor de uma regulamentação em matéria que no Brasil tanto necessita de ordenação.

O sr. Celso Maria de Melo Pupo fez a propósito, comunicação à Academia Campinense de Letras em sessão de 1.º de agosto.